

ANO X — N.º 17

REVISTA
DO
ENSINO

Órgão do Departamento de
Educação do Estado da Paraíba

JOÃO PESSÔA — ABRIL DE 1942

ADMINISTRAÇÃO DOS SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO E ENSINO NO ESTADO DA PARAIBA

INTERVENTORIA FEDERAL

Doutor Ruy Carneiro: Interventor

SECRETARIA DO INTERIOR E SEGURANÇA PÚBLICA

Doutor Samuel Duarte: Secretário

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Diretor: *Pedro Calheiros Bomfim*, Técnico de Educação do Ministério de Educação. ..

CHEFIA DA SECRETARIA

José Alves da Silva. (Respondendo pelo Expediente).

CHEFIA DOS SERVIÇOS DE INSTITUIÇÕES AUXILIARES DO ENSINO

Chefe — *Mario Gomes Pereira de Souza*
INSPETORIA REGIONAL DO ENSINO

- 1.^a Zona: *Francelino Neves, Débora das Neves Duarte e Julita Andrade Vasconcelos.*
- 2.^a " *Fenelon Pinheiro da Camara.*
- 3.^a " *Pedro Jorge de Carvalho.*
- 4.^a " *Manuel Viana Junior.*
- 5.^a " *Rubens Henriques Filgueiras.*
- 6.^a " *Antonio Antão Ribeiro.*
- 7.^a " *Heroisio do Nascimento.*
- 8.^a " *José Bento de Moraes.* ..

A primeira zona escolar compreende:	JOÃO PESSÓA e Santa Rita.
" segunda " " "	GUARABIRA, Mamanguape, Sapé, Caiçara, Alagôa Grande e Araruna.
" terceira " " "	ITABAIANA, Pilar, Ingá, Umbuzeiro, Espirito Santo.
" quarta " " "	AREIA, Serraria, Bananeiras, Cuité, Picui e Larangeiras.
" quinta " " "	CAMPIÑA GRANDE, Esperança, Joazeiro, Cabaceiras, S. João do Cariri e Monteiro.
" sexta " " "	PATOS, Teixeira, Taperoá, S. Luzia, Pombal.
" setima " " "	SOUZA, Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, Antenor Navarro e Cajazeiras.
" oitava " " "	PIANCÓ, Itaporanga, Conceição, Jatobá, Bonito e Princesa Izabel.

De acôrdo com a divisão adotada em 1938, há oito zonas escolares no Estado. Essas zonas escolares podem compreender dois ou mais municípios. Os municípios, cujos nomes estão grifados na relação acima, servem de sede às inspetorias de ensino.

REVISTA DO ENSINO

SUMÁRIO

	Pags.
Administração dos Serviços de Educação no Estado da Paraíba	3
Apresentação	5
Professora Alice Monteiro	7
O Professor Lourenço Filho na Paraíba	9
A Direção do Ensino na Paraíba	11
A nomeação do Dr. Pedro Calheiros Bomfim	13
Diretrizes para a Reorganização do Ensino na Paraíba. (Entrevista concedida á "A União", pelo professor Lourenço Filho)	19
A criança e o Educador — Prof. Silvia de Pessôa	23
Globalização do Ensino — Prof. Debora Duarte	25
Jardins de Infancia — Prof. Alice Monteiro	27
Bons e Más Escolares — Prof. Mario Gomes	29
O Cooperativismo na Escola — Prof. América Monteiro	31
Clube de Linguagem — Prof. Julita de Vasconcelos	33
Círculo de Pais e de Mestres — Prof. Maria de Lourdes Almeida	35
Necessidade do Ensino Religioso nas escolas — Prof. Maria Lianza	37
Educação da Saúde — Orientação	41
Higiene Mental na Escola — Orientação	45
Necrológio	49
Noticiário das atividades do Departamento de Educação	49

REVISTA DO ENSINO

Volta a circular novamente a “Revista do Ensino”, publicação oficial do Departamento de Educação.

Como órgão de informações e de divulgações, “Revista do Ensino” é um periodico para o magistério paraibano que nêle encontrará matéria de orientação cultural e técnica.

“Revista do Ensino” é uma publicação de interesse dos educadores da Paraíba. Através da leitura das suas páginas êles se inteirarão das atividades educacionais que se processam no Estado, e ficarão informados das discussões em torno dos problemas do ensino em geral e dos relacionados com a reorganização dos serviços de educação da Paraíba.

E' preciso, porém, que os senhores professores façam das páginas da “Revista do Ensino” a sua leitura habitual e remetam, regularmente, as suas colaborações afim de que sejam publicadas no órgão do Departamento de Educação.



Publicando o cliché de D. Alice de Azevêdo Monteiro, a REVISTA DO ENSINO presta uma justa homenagem á memória da pro-vécta educadora paraibana, cuja vida foi uma brilhante sequencia de átos que bem a definiram como elemento de vanguarda do magistério paraibano. O seu exemplo de dedicação, civismo e amôr ao ensino, fizeram-na credora da gratidão da Paraíba e da saudade dos seus colégas e alunos.

O PROFESSOR LOURENÇO FILHO NA PARAÍBA

A Paraíba teve a honra de hospedar, em dias de março do ano corrente, o professor Lourenço Filho, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, e um dos maiores educadores brasileiros.

O ilustre visitante esteve entre nós a convite do Interventor Rui Carneiro com o objetivo de, juntamente com o técnico de educação sr. Pedro Calheiros Bomfim, iniciar os estudos referentes à reorganização dos serviços de educação e ensino do Estado.

O ilustre pedagogo já regressou à capital do país, levando informações sobre a situação do ensino na Paraíba. No Distrito Federal, o professor Lourenço Filho continuará prestando sua assistência, à frente do importante órgão técnico que dirige, aos trabalhos do novo diretor do Departamento de Educação do Estado, com o objetivo de se traçar um plano de reorganização do ensino na Paraíba.

“Revista do Ensino” tem a honra de saudar o ilustre educador no qual reconhece uma das mais vivas expressões de cultura e de trabalho em prol da causa nacional da educação.

A DIREÇÃO DO ENSINO NA PARAÍBA

NOMEADO DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO O
SR. PEDRO CALHEIRO BÔMFIM

Convidado pelo Senhor Interventor Ruy Carneiro, assumiu as funções de Diretor do Departamento de Educação deste Estado o sr. Pedro Calheiros Bomfim, técnico do Ministério da Educação, posto á disposição do Governo da Paraíba pelo Governo Federal.

A notícia de sua vinda para dirigir os serviços de educação na Paraíba foi recebida com as mais vivas simpatias e demonstrações de jubilo pelo professorado paraibano.

Conhecedor dos problemas da organização geral do ensino no Brasil, tendo exercido importante função no Instituto Nacional de Estudos Pedagogicos onde emprestou o concurso de sua assistência técnica ao professor Lourenço Filho desde a fundação daquêle importante órgão do Ministério da Educação, o sr. Pedro Calheiros Bomfim é um nome que começa a ser conhecido na Paraíba pelas demonstrações que vem dando de sua capacidade de trabalho, de sua cultura sôbre os problemas educacionais, e pelo alto valor de suas medidas na administração dos serviços de educação e de ensino do nosso Estado.

Incansavel no exercicio de suas atribuições, prestigiando e valorizando o professor, o novo Diretor do Departamento já conseguiu reunir em um só bloco todo o magistério paraibano disposto a cooperar nos trabalhos de reorganização do ensino do Estado, já inciados pelo técnico de educação que dirige o nosso Departamento.

Entre as medidas já estudadas pelo novo Diretor, e que estão em vias de efetivação, contam-se um curso de aperfeiçoamento para professores, uma série de palestras radiofônicas para ilustração do magistério, a criação de uma secção de educação na "A União", onde todo professor pôde agora emitir as suas opiniões, a organização da carreira do professor, as circulares de

orientação do ensino para inspetores escolares, os estudos de reorganização do Departamento de Educação, e mais a restauração daquêle ambiente de valorização do trabalho do mestre e a compreensão do sentido nobre da missão do educador.

Noticiando a posse e as primeiras iniciativas do novo Diretor do Departamento de Educação, esta Revista faz justiça aos méritos do sr. Pedro Calheiros Bomfim, em bôa hora escolhido pela Interventoria Federal do Estado.

A posse do sr. Calheiros Bomfim teve lugar no dia 5 de março no gabinete do Secretário do Interior. Estiveram presentes ao ato todas as altas autoridades, membros do magistério e funcionários do Departamento de Educação.

Após a assinatura do termo de posse, discursou o Doutor Samuel Duarte, Secretário do Interior, ressaltando a significação do fato. Em breves palavras, agradeceu o sr. Pedro Calheiros Bomfim.

Terminados os discursos e os cumprimentos, realizou-se em uma das salas da Secretaria do Interior, com a presença do Doutor Samuel Duarte, do Diretor do Departamento de Educação e do professor Lourenço Filho, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, uma reunião da qual fizeram parte os elementos mais representativos do magistério da capital paraibana. Fôram discutidos assuntos de importancia bem como problemas de ensino da Paraíba. Fôram trocadas várias opiniões entre o professor Lourenço Filho e as pessoas presentes.

DO PROF. LOURENÇO FILHO, DIRETOR DO I. N. E. P. AO DIRETOR DO DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO

Do professor Lourenço Filho, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, o Diretor do Departamento de Educação recebeu o seguinte telegrama:

RIO, 9 Março Em nome e no de todos os companheiros do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, congratulo-me com o prezado amigo com os primeiros resultados dos trabalhos de reorganização dos serviços de educação no Estado da Paraíba, hoje entregues á sua reconhecida competência técnica, capacidade de trabalho e exemplar espirito público. Este Instituto, que teve sua inteligente colaboração desde os primeiros dias de sua criação, acompanhará sempre com o mais vivo interêsse a obra da reforma a ser executado na Paraíba, a qual constitue o primeiro ensaio de mais diréta cooperação da administração federal com a estadual. Está ao dispôr desse Departamento de Educação tudo quanto pôssa servi-lo. Cordiais saudações. — Lourenço Filho, Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

A NOMEAÇÃO DO DR. PEDRO CALHEIROS BOMFIM

Em 27 de fevereiro de 1942, o Ministro Gustavo Capanema dirigia ao Senhor Ruy Carneiro, Interventor Federal no Estado, o seguinte ofício:

“Senhor Interventor Federal: Tenho a honra de comunicar a V. Excia que atendendo á solicitação do seu ofício de 19 de fevereiro corrente, o Senhor Presidente da República, por despacho de 25, autorizou fique á disposição da Interventoria Federal nêsse Estado o técnico de educação, classe I, Pedro Calheiros Bomfim, sem onus para os cofres federais, afim de dirigir e orientar os trabalhos de organização dos serviços de educação da Paraíba.

Apresento a V. Excia., nêste ensejo, a segurança de meu elevado aprêço e consideração. Gustavo Capanema”.

Em 2 de março o Senhor Interventor Federal assinou o seguinte decreto: “O Interventor Federal no Estado da Paraíba, usando das atribuições que lhe confere o inciso III, art. 7.º, do decreto-lei 1.102 de 8 de abril de 1939, resolve nomear, de acôrdo com o art. 15, item I, do decreto-lei 202, de 28 de outubro de 1941, Pedro Calheiros Bomfim para exercer o cargo, em comissão, de Diretor, Pedrão U, do Quadro Único do Estado, lotado no Departamento de Educação, vago em virtude da exoneração de Joaquim da Silva Santiago. (a) Samuel Duarte, Interventor federal.

DIRETRIZES PARA A REORGANIZAÇÃO DO ENSINO NA PARAÍBA

A entrevista que concedeu á “A União” o prof. Lourenço Filho, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — “O Governo da Paraíba deu um bello exemplo de compreensão da integração nacional a ser realizada pela educação” — Estabelecimento de uma carreira para o professorado — Coordenação de todos os serviços do ensino — Impressões da cidade e dos serviços públicos empreendidos pelo Chefe do Governo paraibano

Figura de primeiro plano nos centros educacionais do país, pelo sentido de renovação que soube imprimir aos métodos de ensino e á orientação pedagógica reinante no Brasil, o prof. Lourenço Filho é um autorizado conhecedor dos problêmas mais revelantes do progresso evolutivo da educação nacional. Em numerosas obras cuja repercussão se estendeu até além de nossas fronteiras, êle teve oportunidade de analisar, através de um vigoroso critério científico, todos os desajustamentos e as insuficiências do ensino no país, sugerindo soluções de grande objetividade para integrá-lo e articulá-lo num vasto plano de reforma, que se relaciona, antes de tudo, com as circunstancias de tempo e espaço que as nossas peculiaridades de formação cultural possam exigir.

A sua capacidade de realização e de estudo tem se manifestado nos diversos departamentos federais a que pertence, onde vem desenvolvendo uma atividade contínua e proveitosa no sentido de unificar a estrutura da organização educacional do país, em todos os seus aspectos quer administrativos, políticos ou pedagógicos propriamente ditos, relacionados com a própria unidade física e territorial da pátria. Quando de sua atuação á frente do Departamento de Educação do Ceará, o prof. Lourenço Filho teve oportunidade de entrar em contacto, pela primeira vez, com os problêmas do ensino no Nordêste, aos quais dedicou já substanciais monografias.

Convidado, agora, pelo interventor Ruy Carneiro, pode observar de perto as condições de educação do nosso Estado, que êle considera uma zona de cruzamento de toda essa complexidade de problêmas que está a exigir a cooperação dos técnicos federais para sua pronta resolução. Após vários dias de intensa atividade, consagrada a visitas, reuniões com chefes de serviço e audiências com o interventor Ruy Carneiro e o sr. Samuel Duarte, secretário do Interior e Segurança Pública, o prof. Lourenço Filho pode finalmente, externar para a A UNIÃO as suas impressões e as suas conclusões numa entrevista que encerra observações de extremo interesse a respeito das realidades atuais do nosso ensino e de suas peculiaridades regionais;

A PARAÍBA

—Começo por fazer-lhe uma confissão, disse-nos o professor Lourenço Filho. Conhecendo de perto quasi todos os Estados, não havia tido oportunidade ainda de visitar a Paraíba. E reconhecia que isso representava uma lacuna na minha formação. Pelo estudo da história, habituei-me a sentir a Paraíba como um poderoso nucleo de brasilidade e de civismo. Pela estatística, tinha de reconhecer nela como que a zona de cruzamento dos problêmas do Nordêste, região a que me sinto ligado pelo espirito e pelo coração, desde que, ha vinte anos passados, prestei a minha cooperação aos serviços do ensino do Ceará.

— E suas observações confirmaram o que sentia ou presumia?

— Posso dizer-lhe que integralmente o paraibano tem todas as fortes características de nordestino — a aguda inteligência, o destemor na luta, a coragem nas horas de adversidade — mas, tudo temperado com um acento próprio, que o faz um tipo à parte.

A diferenciação póde ser verificada na rápida evolução econômica dos últimos anos, no sentido da organização de trabalho e da cultura. Penso que nenhum Estado do nordêste modificou tanto a sua estrutura social, nos últimos dez anos, quanto a Paraíba. Este fato deveria ser mais bem conhecido e analisado pelos nossos sociólogos.

A atual direção dos serviços públicos, no Estado, parece-me ainda uma prova disso. O interventor Ruy Carneiro é um tipo representativo dessa mentalidade renovada, que, sem perder as características profundas da gente da terra, tem o sentido perfeito da orientação a imprimir ás questões de interesse público do momento: o empenho tanto pelas questões de ordem material quanto pelas de ordem e defesa social.

A CIDADE

— Ha pequenos aspectos da vida desta capital, prosseguiu o prof. Lourenço Filho, que serviriam para documentar estas minhas impressões. Eu lembraria a impressão geral de ordem e de asseio, o amôr pelas plantas e pelas flores, e o devotamento ás novas gerações.

Nunca vi uma cidade tão limpa, nas ruas e nas casas — e olhe que tenho viajado um pouco por êste mundo, acrescentou. Também raramente tenho visto cidade com tantos jardins floridos, públicos e particulares. Além das numerosas escolas e de vários institutos de proteção á infancia, que já se levantam pela cidade, conmeça-se a construção de uma grande maternidade, a qual deverá ser dentro em pouco, estou certo, um padrão de civilização para o Estado, pelas suas proporções e pela organização projetada.

Quero destacar das minhas impressões as que recebi ainda ontem visitando o Orfanato Dom Ulrico. Pela saúde, alegria e maneiras das meninas e mocinhas, ali abrigadas, penso poder aponta-lo como um modelo ás organizações congêneres de todo o país. Uma obra de notável alcance social, como outras que sei existirem e que também hei de visitar, como o Abrigo de Menores, organização modelar.

OS SERVIÇOS DA EDUCAÇÃO

— O ensino público na Paraíba vem sendo bem cuidado, ha vários anos, como ainda, em recente publicação do Ministério da Educação o acentuamos. Mas o ensino, empreendimento vasto e complexo, carece de atenção permanente por parte dos poderes públicos. Nos resultados já obtidos ha, naturalmente, muito a estender e a aprimorar ainda. Estou convencido, porém, de que isso será rapidamente conseguido dada a segura decisão do sr. Interventor Federal, a capacidade e a dedicação do magistério e ainda o interesse do povo pelas coisas da educação.

Não preciso dizer-lhe que muitos educadores da Paraíba são conhecidos e admirados em todo o país. Bastaria lembrar-lhe os nomes de Monsenhor Pedro Anisio, José Coêlho e Padre Matias Freire, para não citar outros.

A rápida extensão do ensino por todo o Estado está impondo agora uma reorganização dos serviços de sua administração, que deveria ser seguida também da reorganização da carreira do professorado, com atenção aos seus justos interesses, um plano de edificação escolar, e nova regulamentação.

O BELO EXEMPLO DA PARAÍBA

— Quero declarar que o govêrno da Paraíba deu um belo exemplo de compreensão da integração nacional, a ser realizada e, cada vez mais fortemente, pela educação, havendo solicitado um técnico do Ministério da Educação, para vir cooperar nêsses trabalhos.

Foi designado pelo Ministro da Educação o sr. Pedro Calheiros Bomfim, elemento dos mais capazes e dedicados á causa do ensino, de grande espírito público e rara capacidade de trabalho.

Accedendo á gentileza do convite do interventor Ruy Carneiro, vim tomar parte também nos estudos preliminares da reforma, como diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, e sinto-me verdadeiramente feliz por ter tido esta oportunidade de colaboração entrando em maior contacto com os educadores da Paraíba.

Como todos sabem, compete hoje á União traçar as diretrizes da educação nacional, em todos os seus ramos e gráus. O Ministério da Educação vai ensaiar, pela primeira vez, a sua colaboração direta com um Estado, e penso que, dêsse empreendimento, muito proveito advirá para a educação no país.

Maior coordenação deverá existir entre a União, os Estados e os municípios.

OS TRABALHOS REALIZADOS

A propósito dos trabalhos já realizados para impulsionamento definitivo da refôrma educacional, o diretor do I. N. E. P. esclareceu-nos o seguinte, adiantando, porém, que o sr. Calheiros Bomfim poderia prestar informações mais detalhadas sôbre o assunto:

— Ainda no Rio, apresentei um relatório preliminar ao dr. Ruy Carneiro, organizado em colaboração com o técnico designado pelo Ministério da Educação.

Aquí chegados, empenhamo-nos em colher informações mais minuciosas sôbre a situação do professorado, estudando com o sr. Secretário do Interior e o diretor do D. S. P. as possibilidades do estabelecimento de uma carreira, que faculte o acesso dos elementos mais dedicados e mais capazes. Examinamos a coordenação de todos os serviços de ensino no Departamento de Educação, sejam os de ensino primário, secundário, normal e profissional. Visitamos numerosas escolas e procuramos nos informar das condições reais do trabalho que aí se realiza.

Estão já traçadas algumas diretivas que nos pareceram ur-

gentes. O dr. Bonfim visitará desde logo as escolas do interior e completará as observações, para as demais providências necessárias. E estou convencido de que dêsse seu trabalho muito de útil resultará.

ESPIRITO DE COOPERAÇÃO

— Peço que declare em seu jornal o seguinte, disse-nos por fim o prof. Lourenço Filho:

O espírito de cooperação que encontramos, já de parte das mais altas autoridades do Estado, como da dos chefes de diferentes serviços, e em especial dos srs. diretores do D. S. P. e do Departamento Estadual de Estatística, foi o mais perfeito.

O interventor Ruy Carneiro conseguiu estabelecer, entre os seus auxiliares mais dirétos, um admiravel senso de cooperação, e de amôr ao trabalho, que deve ser salientado. E, ainda mais, em todas as conferências ou reuniões de estudo a que esteve presente o Interventor, ninguém mais vivamente de que êle se interessou pelos problêmas em debate, aventando soluções e bafendo-se pela melhoria da situação do professorado, dentro das possibilidades do orçamento do Estado.

Penso poder regressar ao Rio convicto de que a Paraíba logo virá a ter uma reorganização de ensino concebida em excelentes moldes.

A CRIANÇA E O EDUCADOR

Professora SILVIA DE PESSOA

A CRIANÇA é, nos dias presentes, a menina dos olhos da Nação, o ponto de convergência de todas as atenções, de todas as forças vitais do país.

Para ela o amparo sob todos os aspectos.

Protege-se-lhe a saúde, ministra-se-lhe a educação e a instrução, de par com a arte e o desenvolvimento físico, para a regeneração da raça.

A moral cívica e religiosa congregadas, preparam-na para uma nova era, para o engrandecimento da Pátria.

E' na juventude que se fundamentam todas as aspirações vultosas de justiça, de liberdade, de riqueza e dignidade, auridas nos bancos escolares, da voz do educador.

E' sob a influência dessa voz que se formam o coração, o caráter e a consciência nacional, e se traça o destino de um povo.

O educador há de possuir capacidade técnica que o habilita ao desempenho perfeito de sua árdua quão sublime missão. Deve ser capaz de preparar homens concientes de seus direitos e obrigações, sábios e orientados, prontos a enfrentar as dificuldades hodiernas, e, para tal, se devem formar os educadores sob os princípios sólidos do catolicismo.

Nenhum educador o será de fato, si não estudar a psicologia da criança, a psicologia educacional, a Biologia, a Filosofia da educação. Pedagogia e Sociologia.

O Dr. Anibal Bruno, referindo-se á influência do mestre, diz que "a obra da escola se modela á imagem e semelhança do mestre que a dirige. á de se proporcionar á grandeza da obra o artezão capaz de executá-la".

"Tomar a criança na idade escolar para a trazer, através das leis naturais de seu crescimento bio-psicológico, dos instintos nativos, incertos e egoistas, á expansão, em plenitude, da vida, em sua função biológica e social, exige o conhecimento da estrutura psíquica da criança, das leis de seu desenvolvimento e das oportunidades dos métodos de aprendizagem que lhe são aplicáveis".

O espírito culto do educador desvendará melhor o ambiente em que está envolvida a criança, estudando-lhe cuidadosamente a natureza e suas inclinações claras ou ocultas, superiores ou inferiores, para que a possa ajudar na conquista do bem.

A criança, em geral, difere do ser perfeito e bom, idealizado por Rousseau e outros pedagogistas modernos. Tem ela, por certo, os seus defeitos natos.

Temos na criança atual o ser ardente e vivo, a alma vibrante, que investiga, que tenta descobrir e procura conhecer, que revela, muitas vezes, uma inteligência superior, e, assim sendo, o educador não se deve conformar com o administrar conhecimentos vagos, numa educação superficial.

O educador, mãe ou professor, deve procurar corrigir a indisciplina ou desrespeito, real ou aparente, da criança, formando-lhe o caráter, orientando-lhe as tendências.

Uma educação frouxa e sem Deus não formará homens de bem.

Deus é a base de todo ensinamento perfeito, pois, foi Jesus o primeiro mestre.

Deus na origem, Deus na evolução, Deus no extermínio. Em todas as cousas, Deus. E assim Deus na escola.

Cabe, principalmente, á mãe o dever de educar, e convicta dêsse dever de cooperação, não poderá também fugir a um dever maior, que é o de se instruir.

Não se admite mais, na época atual, u'a mãe que desconheça a psicologia infantil, os princípios de amparo pré-natal e preceitos de puericultura, até para garantia de sua geração. Não se concebe, ainda, que desconheça a metodologia moderna e um pouco de didática para ter de viso a orientação escolar.

A' mãe, particularmente, é dado fiscalizar o despertar dos instintos e salvaguardar a criança por meio de uma orientação sábia, prudente e cristã.

Sendo a escola um prolongamento do lar, encontrará ela na voz do educador a continuação dessa orientação sadia e constante.

Descobrem-se, muitas vezes, nas atitudes infantis, defeitos oriundos da tolerancia excessiva, que, não combatidos, poderão mais tarde ter funestas consequências.

Não permitam os educadores que o amor e carinho mal aplicados, o afeto desmedido, levem a criança a excessiva familiaridade, que traduz desatenção ou indisciplina.

A escola nova é a escola de ação, de expansão e liberdade (comedida), porém o educador não se deve esquecer de que a criança, como todos os seres, tem evoluído organica e inteletualmente.

A criança de hoje, em todos os meios, difere da de ontem, desde o nascimento. Sua mentalidade, suas inclinações e possibili-

lidades intelectuais são outras; em compensação, também são outros os métodos educacionais. E a psicologia da educação, como a Pedagogia moderna, se firma em novas bases para atender melhor ao desenvolvimento precoce de suas faculdades.

A criança atual é, contudo, tão acessível, tão moldável, quanto a antiga. É um conceito errôneo, considerá-la desrespeitadora ou incorrigível.

Dêsde a tenra idade, ela está ápta a receber o influxo da boa ou má educação e será o reflexo de seu educador. Salvo as exceções.

A escola, portanto, deve ministrar uma educação sólida e plena, que elabore a regeneração dos costumes, o amor á família, á Pátria, ás ciências e ás artes. Civismo e altruismo.

Não sêja o rigorismo, a intolerancia, o carrancismo do educador que inflúa na eficácia da educação, mas, o ensino conciente, a advertência prudente, o zêlo carinhoso, o consêlho amigo, o amor paternal, o perdão oportuno.

A serena abnegação, o bom humor, e a exata compreensão do cumprimento do dever, são requisitos indispensáveis ao bom educador.

civismo

A educação física visa a formação da consciência patriótica. Deverá ser criado no espírito das crianças e dos jovens o sentimento de que a cada cidadão cabe uma parcela de responsabilidade pela segurança e pelo engrandecimento da pátria e de que é dever de cada um consagrar-se ao seu serviço com o maior esforço e dedicação.

GLOBALIZAÇÃO DO ENSINO

Professora DEBORA DUARTE

A escola ativa é baseada no conhecimento da criança cujas percepções são globais e sintéticas. Daí resulta a necessidade de utilizar os processos espontaneos e naturais, na correlação dos estudos, de acôrdo com os interêsses infantis.

A criança, na idade de frequentar a escola, já está dotada de memória, atenção ativa, percepção, diferenciação, juízo e raciocínio, embora em gráu ainda muito deficiente e rudimentar.

Cumprê então ao mestre desenvolver essas faculdades, sem violentar as reações infantis pela monotonia e desinteresse dos trabalhos escolares.

Nas escolas tradicionais o ensino partia dos elementos mais simples que constituíam o aprendizado: o da leitura era iniciado pelo ABC; o da escrita pelos traços fundamentais das letras; o desenho pelo traçado de linhas, angulos e figuras geométricas, etc.

Banidos os métodos sintéticos em quasi todas as disciplinas, subsiste ainda, na escola atual, a falta de cordenação dos estudos: os diversos ramos do ensino, separados uns dos outros, fazem o menino passar de uma para outra matéria, sendo forçado ás vezes a abandonar o assunto que, no momento, lhe inspira a maior atenção.

No ensino global não ha preocupação da hora fixa e limitada para cada disciplina, pois os horários se tornam perfeitamente dispensaveis e até prejudiciais, quando concorrem para destruir o interesse que o aluno sente pela marcha da aprendizagem.

A globalização do ensino não é, entretanto, uma inovação da Pedagogia moderna, mas uma resultante da prática escolar que se vem apresentando sob vários aspectos, dêsde os primordios da educação antiga.

A escola nova estabeleceu apenas uma diferenciação entre a correlação dos estudos e a globalização do ensino.

A corelação dos estudos coordena as diferentes matérias de ensino relacionando-as estreita e intimamente, mas conservando a divisão convencional das disciplinas escolares. A globalização

une organicamente todas as matérias, considerando-as como parte de um estudo único.

Para alguns pedagogos a globalização é aplicada essencialmente pelo ensino ocasional.

Nos primeiros grãos da escola primária, pelo menos, a educação precisa ser organizada segundo os princípios da associação de idéas, isto é, reunindo todas as noções, experiências, exercícios manuais, etc., em torno de uma idéia central que constitue o centro de interesse.

O professor, desejoso de que a criança aproveite suas lições, deve procurar adaptar-se no mundo de representações e de vantagem para seus discípulos, afim de não desvirtuar a boa aplicação de um principio, cujo valor é hoje tão reconhecido.

A atenção instavel da criança se mantém de modo eficaz sobre o mesmo objeto cujo assunto se repete sob diversos aspectos, em todos os trabalhos, durante um periodo mais ou menos prolongado. Ressalta ainda a importancia de uma preparação prévia do conjunto dos exercícos, bem grupados em torno de um centro comum, de sorte que o espirito do aluno passa naturalmente de um a outro, com igual interesse e sem fadiga.

Quando essa idéia central se desenvolve em forma de um probléma escolar que exige atividade, demonstração ou exercicio prático é convertido em projeto.

A execução de nosso programa de ensino oferece margem para a realização de inúmeros projetos, seja no ensino das matérias fundamentais ou na aprendizagem das disciplinas que constituem, no sistema Gary, as especialidades.

Os jogos, os trabalhos de jardinagem, as narrações ou contos, a instrução coletiva, ou o ensino ocasional são outros tantos meios de globalizar das matérias do ensino primário.

A melhor garantia para o bom êxito dêsse método é a preparação das lições. Em alguns departamentos de ensino, em nosso país, já se instituiu o caderno de "plano de lições" o qual tem a virtude de suprir as aulas improvisadas que, muitas vezes desorientam o ensino, concorrendo para a deficiência educativa.

Guiado pelo plano de lições do professor, o trabalho didático tornar-se mais leve, fazendo desaparecer casos de indisciplina, pois, as aulas bem preparadas conquistam as simpatias e o interesse geral da classe.

A obrigação do preparo das lições, feito com inteligência, serenidade e solicitude, bem como a organização dos jogos educativos e do Diário de Classe levam o professor à dedicação ao estudo, afim de aperfeiçoar o seu trabalho, fazendo revisão contínua das disciplinas e acompanhando, com o máximo empenho, o desenvolvimento de sua escola.

JARDINS DE INFANCIA

Professora ALICE MONTEIRO

Nenhuma terra se poderá vangloriar de possuir um aparelhamento completo de instrução se não possuir escolas maternas.

Nas movimentações públicas das escolas, nas paradas infantis, sente logo o verdadeiro professor que aquelas crianças entraram tarde demais para a escola. Mau grado o esforço evidente e inconfessado dos professores a maior parte dos alunos "que não sabe estar bem posta", faz maus pontos de comportamento nesses dias.

Marchar nada representa para essas crianças, prontas sempre para... dar tropeções nos companheiros mais próximos ou ageitar-lhes os chapéus com um piparote...

Perdoem-nos a franqueza os colegas do curso primário porque também nós falamos por experiência própria...

Certos da inutilidade dos prêmios e dos castigos deveremos habituar a criança a cumprir o seu dever porque assim deve ser.

Sómente nas escolas maternas poderá o menino adquirir os bons hábitos, que lhe permitam receber as lições, que lhe fôrem mais tarde ministradas pelo professor primário.

A escola maternal ou jardim de infancia preparará a criança para aprender. As jardineiras nivelarão o terreno, onde os professores primários semearão.

Jardim de infancia é uma expressão alegórica, que bem explica a finalidade dessas escolas.

A criança é uma planta mimosa e gentil, fragil e encantadora, pedindo carinhosos e inteligentes cuidados... A mestra, sabendo mais psicologia que pedagogia será mais mamã que mestra: toda bondade e simplicidade, sem pose nem reumatismos... tão capaz de ensinar ginástica como de cantar ou consolar uma criança, e sobretudo amiga, bem amiga dos pequeninos, com um grande coração capaz de guarda-los todos nêle...

O jardim de infancia é a escola do afeto. E' aí que a cri-

ança começa a amar os seus mestres e amando-os a atende-los, imita-los, aprendendo com bôa vontade o que lhe ensinem.

Quantas vezes um pequeno de 3 anos corrige de motu próprio um mau habito que adquiriu porque "quer bem á professora e ela não gosta de meninos que cometam tais faltas"?! Que tesouro para o professor primário serão os futuros alunos que lhe chegarem vindos dos jardins de infancia! Meninos que não precisarão ser castigados e que farão com interesse, isto é, com bôa vontade e alegria as suas tarefas escolares!

Nas escolas maternais são abolidas as teorias, as definições, os grandes principios, ensinando-se com o exemplo, tendo em grande conta a individualidade da criança. Respeita-se a vontade própria como um meio favoravel á evolução infantil: nada de arbitraria. A criança ir-se-á habituando confiar em si mesma, preparando-se para de futuro vencer as dificuldades da vida.

Um espirito bem equilibrado, possuindo vida interior será capaz de transformar em felicidade, em motivos de alegria, fatos que por si só aniquilariam uma criatura fraca, de espirito vacilante...

Preparemos pois, confiadamente, desinteressadamente, com o desprendimento dos idealistas e dos fortes o homem de amanhã...

A educação cívica, moral e física é obrigatória para a infância e a juventude de todo o país.

BONS E MAUS ESCOLARES

Professor MARIO GOMES

Não existem bons nem maus escolares na razão científica do termo. O professor conciente não estabelece distinções, não seleciona por afeição. Deve ter sempre presente que perante a sua classe é apenas um técnico da sua profissão. Nada de distinções pueris para êste ou aquele aluno. Não lhe foi entregue para educar o filho do Prefeito ou o afilhado do sr. Juiz. O seu próprio filho, na classe, deve ser apenas um aluno.

Um escolar é um cidadão futuro, um individuo que se forma para ser útil á sociedade. Nem sentimentalismo, nem austeridade. Serenidade e autoridade profissional perante a classe é o que se exige do professor.

Um aluno bom deveria ser então um aluno sadio, um individuo apto a uma perfeição gradual e ascendente.

O menino máu seria um menino doente, ou melhor será sempre um doente menino.

A criança anormal é tida, quasi sempre como uma criança má. A anormalidade entretanto não é sempre um defeito definitivo. Será na maioria dos casos uma alteração bio-psiquica capaz de ser removida ou melhorada.

O professor culto não menospreza o aluno irritável, o inquieto, o fantasista, o mentiroso. Procura investigar a causa da inquietação, da irritabilidade, da fantasia, da mentira.

Esta causa existe sempre objetivamente localizada e justificada por um desvio qualquer no index de saúde do educando.

Não nos esqueçamos de Paracelso e Lman que, já em tempos remotos, relacionava o bocio com a debilidade mental, tendo sido destas observações esporadicas que surgiram as manifestações primárias de uma terapêutica pedagógica. Surgiram através de séculos, diretamente relacionadas com a educação e hoje são positivadas por uma infinidade de pesquisas e experiências.

E' conhecido o caso de Itard que em 1801, num asilo de surdos-mudos, em Paris, tentou educar um idiota encontrado dos arredores da Capital Francêsa. Os resultados obtidos por Itard abriram horisontes novos á pedagogia. Seguin estabelece depois processos vários de cura pedagógica.

Não devem ser estranhas aos nossos colegas as conquistas da ilustre educadora Maria Montessori, que em sua Casa dei Bambine, teve ocasião de atirmar com fatos a lógica de uma terapêutica pra a educação.

Poderíamos anotar neste trabalho dezenas de médicos e professores que através dos tempos se devotaram ao estudo das crianças anormais, procurando fazê-las voltar ao equilibrio das suas faculdades, por sistemas diversos de cura.

Não nos interessa porém um trabalho erudito o que desejamos é pedir aos nossos colegas toda a reflexão, todo o interesse para um ponto vital da nossa educação, que anda ainda um pouco fóra das nossas cogitações.

Lembremos-nos que a inteligência toma muitas vezes direções especiais. A propósito, não é fóra de tempo recordar que quando professor do reformatório de Pindobal, tive aos meus cuidados de observador, uma criança anormalissima de 8 a 9 anos, cuja inclinação maior era o trabalho de enxada. Não gostava nada da classe e o seu trabalho predilêto desempenhava com a maior satisfação, perfeição e interesse.

Foi ante uma observação, a primeira vista tão banal, mas da mesma natureza pedagógica, que o ilustre médico Guggenbuhí teve a idéia de crear um asilo de anormais conseguindo resultados extraordinários que definitivamente estabeleceram as normas para a cura das crianças *oligofrenicas*.

Não desejamos dos nossos colegas muita cousa neste sentido. Não temos ainda escolas de anormais e não lembramos cousas impossiveis mas gostaríamos que se modificasse um pouco ou mesmo desaparecesse a idéia sistemática do máu aluno de quem tanto tenho ouvido falar.

Não devemos injustiçar as crianças porque teem defeitos.

Os defeitos teem sempre uma causa. O nosso papel é educar, é remover a causa que entrava a normalidade de conduta do escolar.

Seria interessante que os nossos colegas quando encontrassem um aluno incorrigível ou retardado, fizessem as suas observações sobre os diversos estados de comportamento desse aluno e as comunicassem aos inspetores de ensino ou mesmo ao Departamento de Educação.

Seriam as suas observações um ótimo roteiro para uma futura ação em favor das classes de anormais.

O COOPERATIVISMO NA ESCOLA

Professora AMERICA MONTEIRO

Estamos em via de movimentar as 22 cooperativas escolares de consumo das escolas públicas primárias do Estado, já registradas no Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura.

O Govêrno do Estado, pelos órgãos competentes, Secretarias do Interior e da Agricultura, acha-se no propósito firme de levar avante o cooperativismo na escola. E, como dado o alcance da instituição, sabe-se semeador de bôa semente, deseja-a vivamente, em terreno fértil para o quanto antes colher as messes desejadas e que serão prêmios de esforços conjungados.

Não é demais repetir que as cooperativas escolares visam antes de tudo mais, educar a criança no sentido harmônico do auxílio mútuo e desenvolvê-la no desempenho de funções sociais que fatalmente encontrará em sua vida futura

No sistema cooperativista vale a capacidade de trabalho, pois ao aluno a quem fáltem meios para financiamento de quotas-partes, será permitido pagá-las em serviços prestados á mesma cooperativa; a inteligência, visto como aos mais capazes será mais fácil a compreensão da ligeira escrita do movimento que terá de ser feita pelos próprios alunos; o esforço, a dedicação de todos os dias, para que o funcionamento de uma sociedade de pessoas e não de capitais, não sofra solução de continuidade em sua vida funcional.

A escola primária, comunidade de vida e de trabalho, permite perfeitamente o estudo e a aplicação do método cooperativista, já vitorioso na maioria dos países civilizados. Essa instituição social, real e viva, deverá ainda interessar á crença no ponto de vista econômico, o que consegue fazendo-a adquirir o material escolar de que necessita e ainda roupas e calçados, por preços inferiores ao mercado, e no intellectual e emocional, desde que é um arcabouço da vida que levam os homens lá fóra, no meio social.

As cooperativas escolares tiveram sua origem na França. O Inspetor escolar Profit, da região de Saint-Jean-d'Angeli, inspirado e guiado pelo desejo de proporcionar à escola recursos para a renovação do material escolar, exterminado e deteriorado pela Grande-guerra, em 1919, iniciou o movimento. Procurou despertar interesse entre pais, mestres e municípios. Fez Conferências e escreveu livros. E o seu trabalho concretizou-se com a criação da 1.^a cooperativa na escola de meninas de sua zona. As "Pequenas Abelhas", tal como as chamou, tiveram êxito, pois, no 1.^o ano arrecadaram 2.100 francos. Em um ano as cooperativas escolares ao seu cuidado reuniram 100.000 francos. Em 1926 existiam já 20 círculos cooperativos que haviam adquirido 237 museus, 60 aparelhos de cinema, 200 instalações de apartamentos, grande número de bibliotecas, aparelhos de rádio, etc. E em 1936, havia já 6.000 que reuniam 180.000 cooperados, tendo o movimento atingido às colônias, principalmente a Argélia. Se tomamos a França como exemplo, isso não significa que outros países civilizados, não hajam verificado a experiência com o mais acertado êxito.

Olhemos de frente, sem sustos e sem subterfúgios: Se o momento internacional é de grandes cuidados, se não podemos continuar a ser egoístas, isto é, neste indiferentismo criminoso pelos que precisam de auxílio, façamos da educação do povo, uma "Obra de cooperação", de trabalho comum a todos. (respeitos ao pleonasma). E essa cooperação só será perfeita, se for realizada numa colaboração de pontos de vista: união de vontade, iniciativas, esforços, para que seja inteira, eficaz, proveitosa e fecunda.

O ensino primário é obrigatório e gratuito. A gratuidade, porém, não exclue o dever de solidariedade dos menos para com os mais necessitados; assim, por ocasião da matrícula, será exigida aos que não alegarem, ou notoriamente não puderem alegar escassez de recursos, uma contribuição módica para a Caixa Escolar.

CLUBE DE LINGUAGEM

Professora JULITA DE VASCONCELOS

E' preocupação de alguns professores ensinar, desde o terceiro ano do curso primário, gramática com divisões e subdivisões de substantivos, adjetivos, conjunção etc.

Penso que em primeiro lugar, devemos, desde os primeiros anos do referido curso, ou melhor desde os cursos pre-primários, procurar corrigir a linguagem das crianças, chegando-se assim, aos poucos, ás regras de gramática.

A criança que vive num ambiente mais culto, que pertence a um nível social mais elevado, pouco ou nenhum trabalho da ao professor na correção do seu modo de falar.

Porém nos meios humildes, inúmeros são os defeitos que se notam na linguagem infantil.

Então faz-se mister que, na escola, seja êste trabalho de aperfeiçoamento da lingua tomado em séria consideração.

Exercícios multiplos se nos apresentam, como: estabelecer conversações com a classe, fazer com que a criança reproduza por suas palavras uma historieta contada pelo professor, descrever uma gravura, etc.

Com o fim de aperfeiçoar a linguagem dos meninos dos Grupos Escolares "S. Antonio" e "Frei Martinho" da capital que se acham sob minha orientação, organizei um Clube de Linguagem, assim: — Os alunos ao observarem na classe, na rua ou no recreio, uma expressão errada de um seu colega, fazem-lhe bilhetinhos anônimos corrigindo-o.

Estes bilhetinhos são colocados dentro de uma caixa para serem visados pela professora.

Nas reuniões mensais dos sócios do Clube, são lidos os tais bilhetinhos, no meio da curiosidade e risos da criançada que mais e mais procura corrigir os maus habitos de sua pronúncia.

O uso destes bilhetinhos em classe, além de aperfeiçoar a linguagem infantil, dá ocasião para que o mestre faça uma observação sôbre o caráter da criança.

Aqui transcrevo alguns bilhetinhos recolhidos nas classes dos referidos Grupos Escolares:

Colega X

E' bom que você trate de falar mais corretamente. Em vez de dizer: "nós vai", diga "nós vamos".

Amiguinha X

De outra vez pronuncie a palavra "agulha" e não "aguia" como você chama.

O Clube de Linguagem vem aí.

Bôa amiga X

Que vergonha para nossa mestra se soubesse que você, aluna do 5.^o ano, ainda pronuncia "pissuir" em vez de "possuir".

Coleguinha

Porque você fala assim: "ontonte"?

Não tem medo do Clube de Linguagem?

A expressão certa é "ante-ontem".

Cara colega

Uma vez ouvi quando você disse: "diversas vezes eu seio". Não diga mais assim. Diga: "eu sei".

Coleginha X

Você conversando disse uma palavra deselegante. Em vez de dizer "lábios" disse "beijos".

Amiga X

Você se expressou assim: "elas disse". Não; o certo é "elas disseram".

Bôa colega

Ouvi quando você disse hoje: "com nós". Deve-se dizer: "conosco".

Colega X

Certa vez ouvi você dizer: "Tu sois doída". Diga assim: "Tu és doída".

Coleguinha

No dia em que você veio á escola comigo encontrou uma colega que nos perguntou: "Para onde vão vocês". Você então respondeu: "Agente vamos para a escola". Está erradissimo"! A frase correta é a seguinte: "Nós vamos á escola".

Coleguinha

Você estava com tanta alegria dizendo que falava bem, mas caiu numa bôa. Foi a seguinte: "ela me deu para mim:.. Não é assim, procure dizer desta maneira: "ela me deu", sómente.

CÍRCULO DE PAIS E MESTRES

Professora MARIA DE LOURDES DE ALMEIDA

Importante e consideravel é o papel que representa na educação da criança a coeficiencia entre a escola e a familia com a organização das instituições dos círculos de paes e mestres, como meios utilizados para promover a mais estreita colaboração entre elas.

Essas associações cuja finalidade é aproximar os pais dos mestres interessando-os pela vida da escola moderna, propagando entre os mesmos os métodos da escola nova, mostrando-lhes também a função que lhes cabe na educação dos filhos, inculcando nêles o dever de prestigiar os mestres na sua obra educativa.

A instituição dos círculos de paes, quando bem compreendida torna-se uma "sala de recepção social", na qual paes, mães ou responsaveis tomam conhecimento da escola na sua vida normal e os professores pódem ter com êles oportunos entendimentos a respeito dos filhos. Assim, os "círculos de paes" tornam-se em cooperação da familia pelo contacto íntimo com aqueles que por dever têm conhecer os problêmas pedagógicos. E' necessário, entretanto, que por frequentarem os círculos, os paes não queiram se imiscuir na escola, usando de autoridade superior á do mestre. Por isto, é preferivel que a presidência do círculo dos paes, esteja em mãos do Diretor do Estabelecimento; o qual terá a cooperação dos mestres, que, independente de proposta devem ser considerados sócios, bem como a dos paes dos alunos do mesmo Grupo. Os professores devem dar ás "vistas" toda sorte de atenções, oferecendo-lhes minuciosas explicações de tudo e fazendo-lhes vêr as deficiências e os melhoramentos do estabelecimento.

Como também para os adultos é necessário um certo interesse para a realização dos seus atos, torna-se evidente que os paes só se prenderão a escola por cousas que diretamente falarem dos estudos e trabalhos dos filhos. E assim sendo, temos como um dos melhores meios de interessa-los as pequenas exposições de trabalhos. Não falando nos trabalhos mais importantes, mas, nas contas, nos problêmas, nos ditados, nos produtos de modelagem, os recortes e finalmente uma grande lista de cousas dêsse gênero

que os faria interessar pelas reuniões. Nessas exposições, os paes poderão de viso constatar o atrazo ou adiantamento dos filhos, comparando os trabalhos dêles com os dos demais colegas, etc., e mesmo ouvir os esclarecimentos dados pela professôra sôbre o desenvolvimento da classe, esclarecimentos êsses que virão constituir um dos objetivos da reunião do círculo. São também de um grande valor educacional as dramatizações. Não espetáculos que venham perturbar o curso normal do estudo, e sim as exposições de carater oral que servirem para tornar patente aos paes a eficiência da escola, fazendo-lhes ver ao mesmo tempo o progresso intellectual de cada aluno.

Devemos ter em consideração não transformar a instituição do círculo de paes em espécie de sessão. No entanto, é justo que haja em cada reunião uma ata lacônica e concisa em que figure o histórico de cada uma delas.

O círculo não deve ter a feição de grêmio beneficente; do contrário não é de admirar que dêle se afastem os paes e até mesmo os professores!

Não devemos em absoluto corromper a finalidade dessa instituição. Nada de sessões solenes e sim as reuniões promovidas mensalmente, em que se façam palestras e conferências, e onde os paes se encontrem com os professores em fraternal convívio, examinando o modo de cuidar do avanço intellectual das crianças, trocando idéias e ainda propondo auxilio para a experiência dos mestres, provenientes do outro campo de experiência que é o lar.

Apresentando êsse aspecto, o círculo tornar-se-á um verdadeiro educandário e grande parte da tarefa dos professores ficará cumprida, pois que a escola só alcançará educar as crianças, quando a família longe de a perturbar a auxilie com carinho na sua missão.

A educação física, o ensino cívico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias. Nenhuma escola, de qualquer dêsses gráus, será reconhecida sem que satisfaça aquela exigência.

NECESSIDADE DO ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS

Professora MARIA LIANZA

“As obras mais necessárias e mais urgentes dos nossos dias são aquelas que visam a instrução religiosa”.

Cardial Leme

Nesta hora de confusão que atravessam as nações de todos os continentes o problêma social aparece intranquilo por falta de cultura religiosa.

O materialismo afastou do homem o sentimento divino arrastando-o à correnteza desenfreada dos instintos.

Porque o homem se esqueceu do Criador é que em plêno século XX presenciamos cenas de verdadeiro barbarismo.

E é o educador o único responsável pela geração de amanhã pois “assim como o arbusto conserva a fôrma primitiva que lhe der o jardineiro, assim também a criança conserva durante tôda sua vida os princípios que lhe der o educador”. Podemos dizer, pois com todo o acerto, que a criança será mais tarde aquilo que o mestre tiver feito: — um bom ou máu cidadão. Um verdadeiro cristão não póde ser um máu cidadão.

E por que, desde o inicio da escola, a professora não aproveita a oportunidade que se lhe apresenta de mostrar á criança que a nossa terra é abençoada por Deus, por haver nascido á sombra da Cruz e por ter sido batizada com êste augusto nome?

Se para amar, precisamos conhecer o objeto do nosso amôr e a proporção que o conhecemos mais dilatado fica êsse amôr, como póde a criança amar a Deus sôbre todas as coisas, se não o conhece nem nunca ouviu falar no seu nome?

E' que a professora se esquece que as idéias de Deus e de Pátria devem andar irmanadas, que o espirito de patriotismo deve andar de mãos dadas com o espirito de religiosidade.

Como póde o homem de amanhã amar o dever acima da

riqueza, da ambição e do seu individualismo, se na ciência da professora de ontem, o dever profissional estava divorciado do dever religioso?

Se ela não realizar um trabalho vivo na formação dessas alminhas informes que lhes fôram confiadas, mas um trabalho maquinalmente feito pela luta da vida, não haverá valor moral duravel e verdadeiro porque sem a formação religiosa falhariam como tem falhado, os melhores esforços empregados para a formação moral do aluno.

A solução do problêma está em a professora cumprir integralmente o seu dever educando patriótica e religiosamente o aluno, pois, só assim teremos brasileiros dignos e fortes.

O abandono moral, intelectual ou físico da infância e da juventure importará falta grave dos responsáveis por sua guarda e educação.

EDUCAÇÃO DA SAÚDE

(Orientação)

DEFINIÇÃO DA EDUCAÇÃO DE SAÚDE

“A *Educação de Saúde* é a sôma de experiências, na escola ou em qualquer lugar, influenciando favoravelmente hábitos, atitudes e conhecimentos relativos á saúde do indivíduo, da coletividade e da raça.

A educação de saúde somente póde ser promovida acentuando em todos os seus aspectos a saúde física, mental, social e moral.

Deve o professor de saúde velar pelo desenvolvimento normal da criança sob esses pontos de vista” (1).

FINALIDADE DA EDUCAÇÃO DE SAÚDE NA ESCOLA ELEMENTAR

A educação de saúde, na escola de educação elementar, tem por finalidade principal assegurar ás crianças uma vida tão sadia quanto fôr humanamente possível, inculcar-lhes hábitos e orienta-las na aquisição dos conhecimentos práticos e das informações essenciais ao cultivo da saúde, para que, ao terminar o curso, tenham elas formado uma *conciência bem viva de saúde* (2) e sejam *capazes de cooperar inteligentemente no cultivo de sua própria saúde e na defeza da saúde da coletividade*.

Para alcançar esse fim, a escola terá que atuar de varias formas:

Pelo meio, tornando possível a prática de hábitos sadios. Assim, o predio e suas dependencias, o mobiliário, o material e o aparelhamento escolares precisam satisfazer os requisitos de higiene; perfeito deve ser o fornecimento dagua e as instalações sanitarias, os lavatórios e banheiros aparelhados e funcionando convenientemente (sem falta e sem desperdicio dagua nas torneiras, com as banheiras e bacias sempre limpas, com sabão líquido, com toalhas individuais ou sem toalhas, com papel higiênico jogado sempre dentro da latrina); balança e craveira.

Pela organização do trabalho educativo em geral: — O regulamento

e os programas de trabalho terão que visar em primeiro lugar a saúde das crianças. Um programa não poderá ser considerado higiênico si exigir mais trabalho do que deverem as crianças fazer, sobrecarregando-as física ou mentalmente, e si não proporcionar ás crianças trabalho, recreação e repouso devidamente contrabalançados. Do ponto de vista físico, é preciso que, na classe, se atenda com cuidado á atitude correta sem esforço do corpo, á visão, á audição. Do ponto de vista mental, é importante que o trabalho seja convenientemente escolhido e dosado de modo a adaptar-se á capacidade da criança, a seu desenvolvimento tanto físico quanto mental, á sua saúde e ás suas forças. Não se deve esquecer que, até aos sete ou oito anos, deve-se cuidar, de preferência, do desenvolvimento normal da criança, isto é, de sua saúde,

Pela influência dos professores — devendo atuar sadiamente sôbre as crianças a personalidade daqueles que as educam, principalmente pelo exemplo de hábitos sadios. (O professor deve também submeter-se anualmente, como os alunos, a um exame medico para verificação de sua higidez normal e á vacinação anti-tífica e disenterica (apenas quando as condições locais a isso obrigarem); contra a varíola, não será necessario revacinar-se desde que haja cicatriz clara da primeira vacinação. E' importante que tenha perfeita dentadura).

Pelo exemplo de todos os funcionários, até mesmo os subalternos, na prática de hábitos sadios.

O trabalho da escola em prol da saúde das crianças será deficiente si não conseguir a colaboração do lar e da comunidade.

PROGRAMA

O Programa de Educação de Saúde não póde constar somente de materia para *ser ensinada* ás crianças, em aulas especiais.

Além das sugestões relativamente aos conhecimentos que as crianças poderão adquirir em aulas regulares (sobre nutrição, puericultura, etc.) ou acidentalmente, aproveitando as oportunidades que se apresentarem, consta do programa *um plano de ação* para ser executado pela escola com a colaboração do lar e da comunidade e desta, especialmente, as repartições sanitarias oficiais. Visa os seguintes objetivos imediatos:

- a) *formar nas crianças os hábitos físicos e mentais* essenciais á saúde;
- b) *orienta-las na aquisição dos conhecimentos práticos*, especialmente de biología e higiénese, necessarios á racionalização dos hábitos sadios e indispensaveis ao cultivo da saúde;
- c) *desenvolver nas crianças os ideais e as atitudes mentais convenientes* ao cultivo da saúde individual e á defesa da saúde coletiva;

d) criar e *estimular o interesse da família e da comunidade* pelo trabalho que a escola faz em prol da saúde das crianças.

Do jardim da infancia ao quinto ano do curso de educação elementar, a *formação de hábitos sadios deve constituir* a base de toda a educação de saúde: hábitos pessoais higiênicos de viver, relativamente á alimentação, ao vestuario, ao sóno, á limpeza, ao exercicio, á conduta mental, emotiva e social, á segurança pessoal, etc.

Aproveitando todas as oportunidades que o trabalho escolar puder oferecer, as crianças adquirirão conhecimentos dos principios de saúde e dos fatos que se relacionam com:

- a) Higiêne corporal, alimentar e do vestuario nas diferentes idades
- b) Saneamento ou problema de saúde locais.
- c) Biologia.
- d) Modo de procurar e utilizar o Serviço de Saúde e o conselho do médico.
- e) Cuidado ás crianças e aos doentes.

(Extraído de uma das publicações do Dep. de Educação do Distrito Federal).

HIGIENE MENTAL NA ESCOLA

(Orientação)

Desde os primeiros dias de trabalho, o professor deve observar atenta, constante, porém discretamente, as crianças, a fim de verificar si ha crianças "problemas" ou crianças "difíceis", na classe. Neste grupo encontram-se os preguiçosos, os desobedientes, os deshonestos, os incorrigíveis, os repentistas, os retardados, em suma — tdas as crianças cuja conduta difere da que geralmente se aceita e se espera da criança normal.

Si houver, merecerão elas cuidados especiais: serão submetidas a exame médico para se verificar si ha ou não causa organica que determine a anomalia manifestada. Em caso afirmativo, o médico decidirá sobre a providência a ser tomada. Si não, o professor e a família terão de trabalhar conjuntamente para o fim de "curar" os *pequenos desajustados*.

Não é facil conseguir a colaboração da família para a solução de problemas de saúde mental. E', entretanto, indispensavel essa colaboração.

MAUS HÁBITOS MENTAIS

Muitos casos de desajustamento mental são resultantes de *máus hábitos* mentais formados pelas crianças mal dirigidas em casa e, não raro, na escola também. Dentre as atitudes mentais resultantes de máus hábitos, figuram as seguintes: a predisposição a lamuriar-se ou afligir-se; as manifestações de "genio" ou acessos de colera; a presunção de meritos ou desconfiança de defeitos; a suscetibilidade exagerada; a predisposição á contemplação, sem intentar realizar o objeto de suas infantis meditações; e desdenhar do que não consegue; o destruir ou depreciar o trabalho alheio, diminuindo ou negando o valor de tudo aquilo que é incapaz de conseguir; o desculpar-se de máus atos, apresentando razões imaginarias para o fim de alcançar indulgência; o fugir á realidade e responsabilidade, simulando phobias, falta de inclinação (geito), sensibilidade, dificuldades fisicas, etc.; o fazer-se "vítima" ou "herói" para conseguir indulgência ou louvores, e muitos outros máus hábitos de reação ao meio ou de ajustamento mental prejudiciais á saúde.

O professor terá de usar dos meios convenientes para o combate desses máus hábitos. Precisa, em primeiro lugar, conquistar confiança e simpatia da parte da criança e de sua família. Depois cuidará de combater os fa-

tores e evitar as situações que formam e favorecem a prática dos hábitos mentais inconvenientes ou prejudiciais á saúde.

Para exemplificar como poderá o professor curar facilmente uma criança mal habituada, apresenta-se o caso de uma pequenita de seis anos e meio de idade que formara, em casa, o hábito de "explodir sua colera" todas as vezes que era contrariada. Entrando para a escola, teve acesso de colera duas vezes. A professora, que conhecia bem psicologia infantil e os principios de higiene mental, soube como resolver o problema: notou a atitude da criança, não deixando, porém, que a "pequena geniosa" percebesse estar sendo observada. As outras crianças imitaram a professora. Terminados os longos acessos, aproximava-se a pequenita da professora, esperando alguma alusão a seu procedimento. Era tratada com afabilidade, porém, muito propositalmente, com uma certa reserva, que não lhe passou despercebido. Alusão alguma, entretanto, era feita ás cenas desagradáveis que toda a classe presenciava. Na terceira ocasião em que foi contrariada, a pequena ia dar início ao "ataque de colera". Deteve-se, porém, e disse para si mesma, com um "muchocho": "Não vou mais gritar nem bater os pés aqui! Ninguém se importa!" E, de facto, nunca mais se encolerizou na escola.

A família da pequena teve conhecimento do que se passára. Mãe e professora combinaram os meios por que deveriam evitar que a pequena se encolerizasse, habituando-a a obedecer e a respeitar os direitos e as conveniencias alheias, sem prejuizo do desenvolvimento de sua própria personalidade (1).

Observando as crianças no recreio, poderá o professor rastrear anomalias mentais incipientes e descobrir atitudes prejudiciais á saúde mental. Essas observações podem orientá-lo no sentido de levar as crianças a adotarem atitudes convenientes em relação aos trabalhos escolares, aos colegas e ás demais pessoas com quem convivem ou venham a tratar, no caso de ser devido a defeitos de educação o desajustamento das crianças, e a proporcionar áquelas que manifestarem anomalias graves o tratamento médico de que precisarem.

Com alguns jogos educativos bem orientados pode-se ajudar a criança a controlar as emoções aprendendo a ganhar e a perder, sem assumir atitude inconveniente para com os companheiros de jogo, quer sejam do mesmo "team", quer sejam do adversario.

Tambem os brinquedos ou jogos de salão, com a participação do professor, podem constituir um bom meio de auxiliar a formação de hábitos mentais sadios. O professor terá que agir de modo a evitar o constrangimento ou embaraço das crianças. Aproveitando oportunidade como o regresso ou o aniversário de um colega, poderão as crianças promover reuniões para festejar o acontecimento. Convem deixar que as crianças se conduzam nestas reuniões com toda a naturalidade possível. Além de desenvolver e gosto pelas belas artes, dão ensejo ao cultivo de atitudes convenientes relativamente á conduta emocional e social, incluindo-se tambem no programa dessas reuniões, danças ou jogos de salão; audição de peças musicais muito simples, de poesias ou dramatização de histórias ou contos, declamação de trechos de prosa apropriados ao acontecimento e que agradem ás crian-

ças; exposição de estampa ou gravuras representando cenas educativas que lhes interessem, ou desenhos feitos por elas mesmas para ilustrar historietas relatadas na ocasião; chá ou *lanche* preparado pelas *crianças* ou de cuja confecção tenham participado.

O professor, servindo-se de todos os meios a seu alcance, procurará conhecer bem a criança para poder educa-la convenientemente, ajudando-lhe a *manter* ou a tornar a mente tão sadia quanto seu corpo.

(Extraído de uma publicação do Departamento de Educação do Distrito Federal).

(1) Definição dada pelo Dr. Th. D. Wood publicada em 1926, geralmente aceita, e mais tarde ampliada.

(2) "O ideal de saúde não deve ser apenas livrar-se aguem das deformidades ou dos sintomas patológicos. Deve ser a realização das mais altas possibilidades físicas, mentais e espirituais" (Henri J. Otto).

(1) Em relação aos casos mais difíceis de ajustamento, consultar sobre a orientação a seguir na Secção de Othorphrenia e Higiêne Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais.

A educação ~~física~~ ^{espiritual} visa a formação da consciência patriótica. Deverá ser criado no espírito das crianças e dos jovens o sentimento de que a cada cidadão cabe uma parcéla de responsabilidade pela segurança e pelo engrandecimento da pátria e de que é dever de cada um consagrar-se ao seu serviço com o maior esforço e dedicação.

NECROLÓGIO

PROFESSOR EDUARDO MONTEIRO DE MEDEIROS

Faleceu em dias do mês de fevereiro do corrente ano, o professor Eduardo Monteiro de Medeiros, figura destacada do magistério paraibano.

A sua morte causou profundo pesar no seio da classe a que pertencia, e onde a sua ação se fez sempre sentir do modo eficiente.

O professor Eduardo Medeiros, desempenhou em o nosso organismo educacional as funções mais relevantes desde o cargo de Diretor do Departamento de Educação, que ocupou nos governos de João Pessôa e Antenor Navarro.

Começou a sua carreira como professor da cadeira do sexo masculino da Cidade de Areia. Foi ainda professor nesta Capital, Inspetor do Ensino Noturno, Inspetor Regional e Inspetor Geral do Ensino.

Ultimamente era Inspetor Federal dos Estabelecimentos de Ensino Secundário do Estado, sendo designado para fiscalizar o Colégio Diocesano Pio X.

Sócio Fundador da Sociedade de Professores da Paraíba, ocupou a sua presidência, posição em que se houve com o maior critério e dedicação. Foi Diretor do jornal "O EDUCADOR" semanário dirigido pelos professores paraibanos ha alguns anos passados.

No trigésimo dia do seu falecimento a Sociedade de Professores mandou celebrar solenes exéquias as quais fôram assistidas pela família do pranteado professor, membros da Sociedade de Professores e amigos.

Ainda por esta ocasião o sodalício acima mencionado realizou em sua séde, na rua Duque de Caxias, uma sessão fúnebre que teve grande assistência. Falou, fazendo o elogio postumo, o professor José Batista de Mélo que foi convidado especialmente para discursar, no salão daquela agremiação, por ocasião da aposição do retrato do professor Eduardo Medeiros.

Damos abaixo o discurso do professor José Batista de Mélo:

"Senhores: — Há certas homenagens que falam por si mesmo, há momentos que as integram e há ambientes que no seu mutismo cheio de significações traduzem, perfeitamente, as palavras que podiam deixar de ser proferidas.

Homenagear um professor na Sociedade de Professores e entre professores, falar da vida de um desses obreiros, num local e numa instituição em cujos alicerces êle colocou as primeiras pedras, rememorar atos e fatos de um educador, durante a sua existência, vivida e dedicada á classe e á nobilitante carreira, cheia de espinhos e dissabôres; sentir, como se hoje fôra, os momentos de entusiasmo que empolgam, e os instantes de desilusão que abatem; eis, meus senhores, a razão de ser de nos encontrarmos outra vez reunidos, á sombra dêste tecto que fala de perto ás nossas almas e os nossos corações.

Retratos de colegas muito queridos enchem a nossa galeria da saudade. E dia a dia aumentam as efiges dos que, deixando a vida objetiva, não conseguem afastar-se do doce convivio espiritual que outróra, materialmente, emprestavam a alegria do viver. São sombras do passado, são esperanças desfeitas, são expressões da matéria simbolizadas na alma.

Parece que foi ontem... No Grupo Escolar "Tomás Mindelo" alguns professores, na noite de 16 de junho de 1917, lançaram as bases de uma nova sociedade. Largos planos, bonitos discursos, cheios de um idealismo sadio e de um entusiasmo contagiante selaram a vida de uma instituição que, ora aos vãos como as aves que dominam os espaços, ora baixo, quasi apagadas como as vidas cansadas de viver, vem atravessando victoriosamente os dias, sempre útil e sem nunca se deixar vencer pelo desanimo. E naquela noite de alegria e de vitória, avultavam o entusiasmo irradiante de Eduardo de Medeiros, de Maria Fausta de Queiroz, de Alice de Azevedo Monteiro, de João Batista Leite de Araújo...

Passam os dias, e com os dias passa a vida... Este mesmo ambiente que os escutou; nós, os seus colegas que privámos de sua amizade; a Sociedade para cujos fundamentos êles carregaram a algamassa de sua constituição, todos nós reverentes diante da expressão morta de seus gestos, prostamos-nos silenciosos e comovidos, numa attitude de respeito aos que se fôram.

Para falar de Eduardo de Medeiros, ordenou-me o Presidente dêste sodalicio. Não gosto de discutir ordens. E senti-me bem de ter sido o escolhido. Parece mesmo que tinha eu certo direito de prioridade para esta missão de sentimento e de dever. Convivi, muito de perto, com o colega desaparecido, e durante os últimos anos em que serviu á Instrução do Estado, fui eu o seu auxiliar imediato. Conheci todas as facetas do seu carácter: os arrebatamentos de sua alma franca e impulsiva, a inflexibilidade de suas attitudes na defesa das causas que abraçava, o seu temperamento expansivo que se deixava contagiar de alegria ou de tristeza, diante do que em torno, se lhe mostrava. Alma de criança, attitudes des-temerosas hipersensível, inteligente e perspicaz, sabia Eduardo terçar as armas de combate todas ás vezes em que se fazia mister. A' Instrução serviu durante mais de 30 anos. De simples professor no Interior do Estado, galgou

todas as posições do Magistério e em todas elas conduziu-se com independência e amôr á carreira que abraçára. Projctou-se, sobretudo, na administração do Grande Presidente. João Pessoa que fê-lo diretor, de fato, do movimento educacional do Estado. Com êle empreendeu os primeiros passos para a reforma que pretendia levar avante, mas que a morte inesperada e traiçoeira impediu de realizar. Veio Antenor. Foi o momento propício. O jovem Interventor, arrojado, idealista, dinamico, admirável emprestou-nos as luzes de sua inteligência e o calor de sua bravura. Com êle traçámos novos caminhos; com êle cerrámos fileiras, e deu-se á Instrução o primeiro grande impulso que dêse então jamais deixou de se fazer sentir. Fôram os aureos dias de Instrução na Paraíba. Os professores constituíram um corpo só, um só pensamento, um só desejo, a Educação intensiva das massas. Viu-se, então, êsse milagre de realização: a transformação radical do nosso sistema educativo. Eram os novos bandeirantes de uma cruzada nova. E Eduardo dirigia-os.

Novos encargos chamaram-no a outro setor. Agora, inspetor do ensino ginasial, o velho mestre imprimiu novos aspéctos á fiscalização que lhe era atribuída. Rigoroso no cumprimento do dever, rigorosissimo na interpretação da lei e na sua aplicação, muito trabalhou no sentido de moralizar o ensino no estabelecimento em que servia. Incansável na sua missão, via-o, diariamente, vergado sob o peso da doença, no seu posto de trabalho do qual só se afastou para morrer.

Um dos fundadores da 1.^a revista pedagógica aqui editada; 1.^a diretor do nosso hebdomádario "O Educador", presidente mais de uma vez da Sociedade de Professores, có-autor da coleção de "Mapas Mudos", aí estão novas funções e novos trabalhos do colega desaparecido.

Há, porém, uma faceta da personalidade de Eduardo de Medeiros, que não posso esquecer: o amôr extremado, quasi exagerado pelos filhos. Eram a sua paixão. Ao falar sôbre qualquer um dêles, o homem transformara-se; de sua fisionomia irradiava uma luz estranha, num misto de orgulho e de prazer quando lembrava uma simples brincadeira, uma palavra tôla ou qualquer vitória alcançada por aqueles que guardam o seu nome. Sabia ser pai!

Da última vez que o visitei, poucos dias antes de morrer, guardo uma cena passageira e comovente que muito diz daquela alma simples e emotiva.

Sem fôrças, falando com dificuldade, levou-me á sala de visitas, e lá apontou-me uma tela onde sua única e dileta filha fixára, magistralmente, linda paisagem, que figurara na última exposição de pinturas do Colégio das Neves.

De voz embargada e ólhos rasos de lágrimas, disse-me apenas: "É o último trabalho de minha filha, que me é dado vêr!"

Aí estão, colegas meus, ligeiros traços do consocio desaparecido que a Sociedade de Professores querendo homenagear, num preito de estima e de gratidão, reuniu educadores, amigos e a família enlutada para assistirem ao áto da aposição do seu retrato que vem aumentar a galeria dos nossos mortos queridos".

NOTICIÁRIO DAS ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

COMUNICADOS

Comunicados distribuídos á imprensa:

N. 1 — O Departamento de Educação do Estado considerando a situação em que se acha o País, e considerando mais que é necessário a formação de uma consciência nacional no seio do professorado e da população escolar do Estado, afim de se robustecerem os sentimentos patrióticos dos que trabalham na comunidade escolar, resolve criar a "Hora Cívica" em todos os estabelecimentos de ensino primário do Estado.

Da "Hora Cívica" constará obrigatoriamente uma formatura em local apropriado, de todo pessoal docente, discente e administrativo do estabelecimento de ensino, devendo ser cantado a seguir o Hino Nacional.

O Departamento de Educação enviará circulares aos senhores Inspectores de Ensino, aos Diretores de Grupos Escolares, as quais conterão Instruções detalhadas sobre o assunto".

N.º 2 — O Departamento de Educação informa aos interessados que não existe vaga para o cargo de professor de qualquer categoria nas escolas públicas de João Pessoa.

E' inutil, portanto, qualquer candidato se dirigir ao Departamento com o objetivo de solicitar nomeação, ou remoção, para grupos escolares e escolas isoladas da capital do Estado".

N. 3 — Em 19 de abril próximo será comemorado em todo o país o "Dia da Juventude Brasileira".

O Departamento de Educação recomenda aos senhores diretores de estabelecimentos de ensino do Estado que a partir de amanhã seja iniciado o treinamento dos alunos que deverão participar do desfile a ser realizado naquêlê dia, afim de que a parada de 19 de abril venha se revestir do máximo brilhantismo.

Como tem acontecido anteriormente, mais uma vez os alunos das nossas escolas secundárias, profissionais, primárias, públicas ou particulares, se apresentarão com o espírito de disciplina e o garbo com que sempre se mostraram ao povo e ás autoridades nos dias de comemoração cívica".

CONUNICADO N. 4

“O sr. Pedro Calheiros Bomfim recebeu do prof. Lourenço Filho, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, o seguinte telegrama: “Of. Dr. Pedro Calheiros Bomfim, Diretor do Departamento de Educação, João Pessoa, Paraíba — Como nos anos anteriores solicito vossas providências no sentido de ser comemorado em 14 de abril próximo, em todas as escolas dêsse Estado, o Dia Pan Americano. Muito estimaria que essas comemorações tivessem o maior brilho, correspondendo a um maior espírito de solidariedade continental hoje existente. Atenciosas saudações. Lourenço Filho, Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos”.

O Departamento de Educação informa que o Dia Pan Americano, celebrado todos os anos a 14 de abril, tem por fim estreitar os vínculos políticos, econômicos e espirituais que unem as vinte e uma repúblicas do continente americano.

O Dia Pan Americano é comemorado em 14 de abril, porque nessa data, no ano de 1890, a Primeira Conferência Intenacional Americana, reunida na cidade de Washington, aprovou uma resolução que criou a Secretaria Internacional das Repúblicas Americanas, instituição essa atualmente conhecida sob o nome de União Pan-Americana. A escolha dessa data foi notificada também por outra razão: êsse Dia coincide com a data em que a maioria das escolas do continente americano já estão funcionando normalmente.

Durante os últimos anos as escolas do continente têm comemorado o Dia Pan Americano com o concurso de todas as classes. Assim, por exemplo, as classes de Geografia e história estudam as principais características da América. Traçam mapas. Escrevem ensaios alusivos ao assunto. As classes de trabalhos manuais auxiliam, colocando os mapas nos lugares, fazendo as decorações, construindo modelos de vários aspectos geográficos importantes, como, por exemplo, o canal de Panamá. As classes de arte desenhavam ou pintam paisagens conhecidas na América, cooperam com as classes de geografia na preparação de mapas e com as de trabalhos manuais na pintura de decorações. As classes de música podem participar nos programas do Dia Pan Americano executando composições dos países da América”.

COMUNICADO NO.º 6, DE 2 DE ABRIL DE 1942

“O Departamento de Educação vai realizar um Curso de Aperfeiçoamento para o professorado da capital. O Curso será dividido em Seções e terá programas de aula previamente elaborados. Terminadas as aulas do Curso de Aperfeiçoamento, será realizada uma prova para verificação de aproveitamento. Aos que fôrem considerados aprovados será concedido um certificado pelo Departamento de Educação. Ao portador do certificado, será dada preferência, em igualdade de condições, para efeito de promoção na carreira do professor, quando a mesma estiver criada e regulamentada, ou para efeito de designação para chefia de cargos de direção, ou comissões na chefia dos serviços de administração da educação e do ensino.

É obrigatória a frequência às aulas do Curso de Aperfeiçoamento por parte dos professores públicos dos Grupos Escolares, das Escolas isoladas e das Escolas do ensino noturno, que estejam situadas no perímetro urbano e suburbano de João Pessoa.

A fim de organizar o programa para o Curso de Aperfeiçoamento, a Comissão designada para esse fim, e composta dos professores Monsenhor Pedro Anísio, Francisca de Ascensão Cunha, Carmelita Gomes, Manuel Viana Junior, Débora Duarte, Julita Vasconcelos e Mário Gomes, por intermédio do Departamento de Educação, entrou em entendimento com o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, órgão central do Ministério da Educação, e recebeu dele a mais franca colaboração. O I. N. E. P. organizou mesmo, um plano para a execução do Curso de Aperfeiçoamento, o qual, depois de convenientemente adaptado pelo Departamento de Educação foi aceito pela referida Comissão.

Do plano de trabalho organizado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos em combinação com o Departamento de Educação do Estado, constam duas partes: 1.^a — O professor. Organização e manejo de classe. 2.^a — Metodologia geral e especial.

As aulas da primeira parte do programa do Curso de Aperfeiçoamento vão ser ministradas pelos professores Francisca de Ascensão Cunha: O professor na organização escolar. Funções capitais do professor, requisitos e qualidades. Carmelita Gomes: Como organizar as classes de ensino. Débora Duarte: Escrituração, registo de lições e dos fatos mais interessantes ocorridos em uma classe. Julita Vasconcelos: Disciplina. Mário Gomes: Problemas de frequência, pontualidade e da evasão escolar. Alcides Lima: Higiene do mobiliário e material escolar, e dos alunos. Débora Duarte: Organização do Horário de trabalho. Silvia Pessoa: Verificação do rendimento escolar.

Em virtude do grande número de professores que terão de assistir às aulas do Curso, o Departamento de Educação organizou quatro turmas.

Amanhã, o Departamento de Educação fará publicar a organização das turmas e o horário do funcionamento das aulas que serão realizadas no Grupo Escolar "Epitácio Pessoa", à noite".

COMUNICADO N.º 15 DE 7-4-1942

Aos Professores do Estado, o diretor do Departamento de Educação dirigiu a seguinte circular:

"Em junho próximo, no Estado de Goiás, reunir-se-ão em Assembléia Geral, os Conselhos Nacionais de Geografia e Estatística.

2. Nessa ocasião, será realizado o "batismo cultural" de Goiânia, nova capital desse Estado, figurando naquêlê certamen a 2.^a Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística.

3. A Paraíba far-se-á representar ali, como órgão filiado ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, devendo também levar a sua cota a-que-la exposição.

4. Como professor e parte integrante que sois dessa falange de pioneiros

que tem a responsabilidade na formação moral, intelectual e cívica da mocidade paraibana, não deveis ficar indiferente ao movimento que se processa para que a contribuição de vossa terra á mesma exposição, sendo a mais completa e perfeita, venha por em relêvo a sua vida cultural-sob vários aspectos.

5. Assim, torna-se indispensavel a vossa cooperação, que poderá ser concretizada, principalmente, com a renêssa ao Departamento Estadual de Estatística por doação, ou empréstimo, de livros, monografias ou simplices estudos sôbre a Paraíba, ou obras sôbre assuntos diversos de autores paraibanos.

CIRCULAR N.º 6

O sr. Pedro Calheiros Bomfim dirigiu aos Diretores de Grupos Escolares a seguinte circular:

“O Departamento de Educação do Estado, que empresta todo seu apôio ao movimento que ora se faz em todo país em torno do sistema cooperativista, chama a vossa atenção para a orientação que sôbre o mesmo está dando o Departamento de Assistência ao Cooperativismo, em relação ao Cooperativismo Escolar. Esse Serviço é subordinado ao de Economia Rural, que é uma das divisões do Ministério da Agricultura, na Capital do País.

CIRCULAR N.º 7, A COOPERATIVA ESCOLAR — SEUS FINS

A cooperativa escolar é uma pequena sociedade de alunos, que se congregam para defêsa de interesses financeiros e sociais. Trabalhando em comum, dirigindo, conferindo, comprando, vendendo por preço sempre inferior ao do mercado, e, exclusivamente aos sócios, escriturando, mantendo correspondência com o Departamento de Assistência ao Cooperativismo que lhes dispensará toda a assistênêcia, as crianças terão uma escola viva do que lhes reserva a vida futura e ainda a lição de moral mais sublime da humanidade, qual seja a de serem úteis aos seus semelhantes.

Aprendem, ainda, a respeitar e a fazer respeitadas deliberações tomadas em comum, a curvar-se diante da vontade da maioria e habituem-se á fidelidade ao compromisso de mútuo auxilio e á obediência voluntária ao que livremente aceitaram.

Este assunto, pela sua importancia, deverá merecer vossa melhor atenção”.

CIRCULAR N.º 9

Aos dirigentes de Grupos Escolares, o Diretor do D. E. dirigiu a seguinte circular, que tomou o número 9: — “Venho solicitar vossas providências no sentido de que a direção dêsse Grupo continue a prestigiar com o maior interesse as aulas de educação física, ministradas nêsse estabelecimento de ensino. Como já é de vosso conhecimento a educação física ocupa hoje po-

sição de relêvo na organização do ensino pois, conforme determina a Constituição Federal, a "educação física" será obrigatória em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo qualquer escola, de qualquer desses graus, ser autorizada a funcionar sem que satisfaça aquela exigência. Saudações cordiais — Pedro Calheiros Bomfim — Diretor.

CIRCULAR N.º 11

Senhor Inspetor — A-fim-de não ser prejudicado o serviço de estatísticas educacionais, recomenda vossa providência no sentido de serem remetidas a este Departamento, com urgência, os boletins mensais de matrícula e frequência das escolas públicas e particulares desse município, acompanhados da relação anexa, devidamente preenchida.

Assim, deve ser iniciada desde já a escrituração do respectivo fichário, o qual já foi encaminhado a essa Inspeção. Saudações — Pedro Calheiros Bomfim — Diretor.

CIRCULAR N.º 12

Senhor Inspetor — "O Departamento de Educação, considerando a importância da educação da saúde, vem chamar a atenção do professorado público para os seguintes pontos referentes à cooperação da família e da escola no que diz respeito áquele problêma:

1 — A escola precisa da colaboração dos pais na educação da saúde, muito mais talvez do que em qualquer outro aspecto da educação geral. Nesse trabalho a escola encontra, ás vezes, dificuldades em executar seu programa de ação, opostos pela ignorancia, pelos preconceitos, tendo do ponto de vista individual quanto social, pelas condições econômicas ou pela má compreensão da família.

2 — Todo trabalho que se realizar para inculcar, hábitos sadios, por exemplo, póde ser desfeito ou grandemente prejudicado pela influência de um lar onde a prática desses hábitos seja impossível. Por meio dos "Círculos de Pais e Professores", se houver intelligência, critério e bom senso da parte daqueles que organizarem o plano de suas atividades, a escola poderá interessar os pais. Uma das condições principais de êxito será tirar o caráter de reunião festiva ou cerimoniosa, que, geralmente, se dá a todas as reuniões de pais e professores. Os pais precisam sentir-se á vontade, na escola, para se interessarem pelos problemas educativos, e, a princípio, precisam também muitos deles se convencer de que se referem diretamente a seus filhos todas as questões tratadas nos "círculos de pais e professores". Valerá fazer reuniões desses "círculos", ás vezes, em casa de alunos.

Para combater o acanhamento natural dos pais, conviria que, no início, se realizassem reuniões parciais dirigidas sempre por uma professora bastante hábil em cativar os pais e conquistar-lhes a confiança. Estas reuniões parciais poderiam realizar-se em casa de alguns dos pais dos alunos, que reunissem aquêles com quem tivessem já relações de amizade ou entre os

quais houvesse algum interesse comum, como, por exemplo, residirem na mesma rua, exercerem a mesma profissão ou ocuparem-se do mesmo trabalho.

4 — Um problema de saúde importante que deverá ser amplamente estudado nas reuniões de “círculos de pais e professores” é o que se refere à saúde mental das crianças. É imprescindível que os pais reconheçam a influência que exercem sobre o espírito dos filhos, e precisam compenetrar-se do dever que lhes cabe de dar-lhes exemplos de verdade, honestidade, firmeza e serenidade.

5 — O problema da nutrição das crianças deveria ocupar um lugar proeminente do programa das atividades do “círculo de Pais e Professores”. A escola precisa promover os meios de divulgar os conhecimentos modernos da ciência da nutrição, especialmente da nutrição das crianças até os doze anos. Já se disse que a criança no Brasil é geralmente mal alimentada, e sofre as graves consequências de uma alimentação deficiente em quantidade e qualidade.

Cumpra á escola empregar todos os meios a seu alcance para conseguir a boa nutrição das crianças e ensinar as mães como alimentar seus filhos para que possam êles manter a saúde e aproveitar bem o curso escolar.

6 — Também a questão do brinqueço ao ar livre e do repouso das crianças deve ser debatida nos Círculos de Pais e Professores.

Há muitos pais que pensam que os passeios de bonde ou de automóvel, a marcha lenta, o sentar-se horas a fio no banco de um jardim ou parque, são meios de desenvolvimento físico e recreação.

Outros supõem que recreiam seus filhos levando-os “bem vestidinhos, com roupas de luxo a passear pelas ruas ou a assistir “filmes” impróprios para crianças. Tais hábitos são condenáveis e cumpre á escola combatê-los.

7 — Não menos significantes são os problemas do **vestuário** apropriado, da conservação dos dentes e tantos outros que mal poderiam ser superficialmente abordados, nessa relação de assuntos gerais.

8 — Vejamos agora os pontos de cooperação desejável entre a escola e o lar, segundo um educador americano

a) a escola precisa conhecer e levar em conta a educação e a instrução que a criança recebeu no seio da família;

b) a escola deve manter os pais ao par das observações feitas a respeito dos alunos e do auxílio que podem prestar na formação de bons hábitos;

c) a escola deve influir, quando o caso se apresentar, para o melhoramento das condições higiênicas de dietética do lar;

d) a família e a escola devem combinar os programas de atividades recreativas e artísticas das crianças na escola e fora dela;

e) a escola deve auxiliar os seus alunos nos trabalhos que porventura estejam interessados em caso de possivelmente levá-los em conta;

f) a família e a escola devem igualmente se interessar pela saúde da criança e tomar neste sentido medidas de combinação;

g) aos pais cabe prestigiar e não diminuir os mestres e aos mestres cabe também robustecer nas crianças a autoridade dos pais”.

CARTAZES DE ORIENTAÇÃO

O Departamento de Educação está distribuindo, entre os estabelecimentos de ensino do Estado, uma série de cartazes que contém legendas referentes aos princípios educacionais adotados na Constituição Federal.

Esses cartazes têm as seguintes legendas:

— “O abandono moral, intelectual ou físico da infância e da juventude importará falta grave dos responsáveis por sua guarda e educação”.

— “A educação física visa a formação da consciência patriótica. Deverá ser criado no espírito das crianças e dos jovens o sentimento de que a cada cidadão cabe uma parcela de responsabilidade pela segurança e pelo engrandecimento da pátria e de que é dever de cada um consagrar-se ao seu serviço com o maior esforço e dedicação”.

— “O ensino primário é gratuito e obrigatório. A gratuidade, porém, não exclue o dever de solidariedade dos menos para com os mais necessitados; assim, por ocasião da matrícula, deve ser exigida aos que não alegarem, ou notoriamente não puderem alegar escassez de recursos, uma contribuição módica para a Caixa Escolar”.

— “A educação física, o ensino cívico e o trabalho manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias. Nenhuma escola, de qualquer desses graus, será reconhecida sem que satisfaça aquela exigência”.

— “A educação cívica, moral e física é obrigatória para a infância e a juventude de todo o país”.

PORTARIA DO DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INSTITUINDO O CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA OS PROFESSORES DO ESTADO

O Diretor do Departamento de Educação, usando de suas atribuições, e considerando a necessidade de se promover o aperfeiçoamento do magistério por meio de cursos organizados, resolve instituir um CURSO DE APERFEIÇOAMENTO para os professores de ensino primário da capital.

I

O Curso de Aperfeiçoamento será dividido em Secções e terá programas de aula previamente elaborados.

Terminadas as aulas do Curso de Aperfeiçoamento, será realizada uma prova para verificação de aproveitamento.

Aos que fôrem considerados aprovados, será concedido um certificado pelo Departamento de Educação. Ao portador do certificado de aprovação no Curso de Aperfeiçoamento, será dada preferência, em igualdade de condições, para efeito de promoção na carreira, ou para efeito de designação para cargos de direção ou comissões na chefia dos serviços de administração da educação e dos ensino.

II

É obrigatória a frequência às aulas do Curso de Aperfeiçoamento por parte dos professores públicos dos Grupos Escolares das Escolas de en-

sino noturno e das Escolas isoladas que estejam situadas no perímetro urbano e suburbano de João Pessoa.

O Departamento de Educação organizará as turmas de professores que deverão frequentar as aulas do Curso de Aperfeiçoamento, e instituirá um horário para o funcionamento das mesmas aulas.

III

E' facultado aos professores de ensino primário particular assistir ás aulas do Curso de Aperfeiçoamento, desde que façam sua inscrição em livro próprio no Departamento de Educação.

Aos professores de ensino particular que frequentarem as aulas do Curso de Aperfeiçoamento poderá ser concedido um certificado de aprovação, depois de verificado o seu aproveitamento por meio de provas.

IV

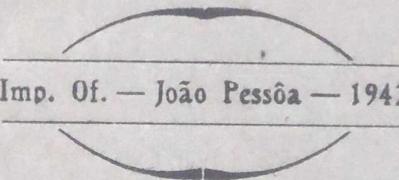
Durante as aulas da primeira Secção do Curso de Aperfeiçoamento, serão debatidos e examinados problêmas referentes aos seguintes pontos: 1 — O professor na organização escolar. Funções capitais do professor, requisitos e qualidades. 2 — Como organizar as classes de ensino. 3 — Escrituração, registo de lições e dos fatos mais interessantes ocorridos em uma classe. 4 — Disciplina. 5 — Frequência, pontualidade e evasão escolar. 6 — Higiene do mobiliário e material escolar e dos alunos. 7 — Organização de horário de trabalho. 8 — Verificação do rendimento escolar.

Durante as aulas da segunda Secção do Curso de Aperfeiçoamento serão debatidos e examinados pontos referentes á Metodologia geral e especial.

Os programas das aulas das duas Secções serão divulgados oportunamente.

João Pessoa, 8/4/1942.

PEDRO CALHEIROS BOMFIM



Imp. Of. — João Pessoa — 1942